

## Mulheres na Agricultura Urbana na África Ocidental

Angelika Kessler - [anngelikak@gmx.de](mailto:anngelikak@gmx.de)

Friedhelm Streiffeler

Departamento de Sociologia Rural  
Humboldt University, Berlim, Alemanha

Emmanuel Obuobie

International Water Management Institute, Accra

Foto: Angelika Kessler - Mulheres cultivando áreas tradicionais em Bamako

Em muitos países da África Ocidental, as mulheres tradicionalmente já cultivavam hortaliças locais em volta de suas casas. Nos países de fala francesa da África Ocidental, as hortaliças da culinária europeia foram introduzidas durante a era colonial. Os prisioneiros e os soldados locais (homens) eram obrigados a cultivar as hortaliças introduzidas pelos europeus. Mais tarde, essas hortaliças começaram a ser cultivadas também nas hortas escolares.



Este artigo baseia-se em 2 estudos realizados na África Ocidental. O primeiro estudo cobriu Lomé, Tsévié (40 km ao norte de Lomé), Conakry, Timbi Madîna (uma pequena cidade em Fouta Djallon, República da Guiné) e Rufisque (27 km a leste de Dacar); e foi feito entre 1999 e 2002, financiado pela EU-INCO. O segundo estudo concentrou-se em Bamako, Ouagadougou, Cotonou e Lome, realizado em 2002 e financiado pelo e IWMI e pela FAO.

O primeiro estudo mostrou uma distribuição quase constante entre as porcentagens de homens e de mulheres trabalhando na agricultura urbana, em cada país. Cada par de cidades, Conakry e Timbi Madîna na Guiné, e Lomé e Tsévié, ambas no sul de Lomé, tem a mesma porcentagem de mulheres produtoras (tabela 1).

**Tabela 1.** Variação de sexos entre produtores urbanos

Sexo	Conakry		Timbi Madîna		Rufisque		Tsévié		Lomé	
Mulher	271	67,9%	138	69,0%	114	35,5%	84	20,9%	81	20,3%
Homem	126	31,6%	62	31,0%	207	64,5%	317	79,1%	317	79,3%
Informação não disponível	2	0,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	2	0,5%
Total	399	100%	200	100%	321	100%	401	100%	400	100%

Fonte: Relatório Final do Projeto INCO, 2002

Exceto para as cidades na Guiné, a agricultura urbana em cidades como Bamako, Ouagadougou, Cotonou, Lomé, Tsévié e Rufisque é dominada por homens. Em Timbi Madina, os pesquisadores verificaram que muitos homens iam trabalhar em Conakry ou em algum país estrangeiro (Senegal ou Costa do Marfim) e portanto muitas mulheres eram levadas a cultivar pessoalmente para obter alimentos para sua família. Em Conakry, o principal cultivo é a batata-doce (folhas), que é uma colheita típica de mulheres.

Na África Ocidental, as operações de agricultura urbana podem ser classificadas em pelo menos quatro tipos de sistema produtivo: (ver também artigo no n. 9 desta Revista).

- *agricultura irrigada de hortaliças de clima temperado* (dominada por homens);
- *agricultura de hortaliças tradicionais* (dominada por mulheres);
- *agricultura de grãos irrigada pela chuva* (dominada por homens);
- *produção de plantas ornamentais* (dominada por homens).

Este artigo vai focar no sistema produtivo de hortaliças tradicionais dominado pelas mulheres.

## A produção de hortaliças tradicionais

Tradicionalmente, as refeições na África Ocidental incluem muitas hortaliças folhosas. Por razões tradicionais, as mulheres são as responsáveis por obter essas hortaliças, cultivando-as ou colhendo-as. Em Lomé, Conakry e Bamako verificou-se que as mulheres agricultoras costumam cultivar mais especificamente as hortaliças locais, como *Solanum macrocarpum* (gboma), folhas de amaranto (fontété), folhas de batata-doce, *Corchorus olitorius* (adèmè), folhas de cebola, feijão, *Hibiscus sabderiffa* (osseille da Guiné, bissap, da), pimenta e tomate (variedade local), para citar apenas as mais comuns.

Os agricultores pobres preferem particularmente a produção de hortaliças folhosas por que elas podem ser colhidas várias vezes durante o seu cultivo, fornecendo uma renda mais regular. Por exemplo, as folhas de batata-doce são colhidas a cada 10 a 14 dias. A primeira colheita é feita 40 dias depois do plantio. Sendo assim, o capital investido começa a retornar rapidamente, e fornece uma renda continuada e regular. Como comparação, a alface só pode ser colhida uma vez, cerca de 40 dias após semeada.

Além disso, as mulheres produtoras precisam de menos recursos para produzir as hortaliças nativas, e podem produzir suas próprias sementes ou comprá-las a preços mais baratos do que as sementes importadas das hortaliças de clima temperado.

Tanto as mulheres como os homens usam fertilizantes nas cidades onde o estudo foi realizado, embora tenham sido observadas algumas diferenças na quantidade aplicada. As mulheres de Lomé usam pesticidas assim como os homens, e costumam dispor de equipamento para irrigação.

Freqüentemente as mulheres não são capazes de investir em cultivos mais demorados, como

cenoura, repolho e berinjela, por que o seu capital ficaria empatado por pelo menos três meses até começar a retornar. Para as hortaliças de clima temperado, o capital necessário é ainda maior, e como elas são mais susceptíveis a ataques de pestes e exigentes em irrigação - além de suas sementes serem mais caras - há ainda a necessidade de investimentos em mão-de-obra e em equipamentos de irrigação.

## Comercialização

As hortaliças folhosas têm que ser produzidas perto de seus consumidores, já que na maior parte desses países não há condições adequadas de conservação, transporte e armazenamento que preservem produtos tão perecíveis no trajeto do campo ao mercado e à cozinha. Isso dá às hortaliças folhosas tradicionais uma vantagem comparativa sobre as hortaliças de clima temperado mais caras e consumidas principalmente nas capitais.

As mulheres podem aumentar sua renda cortando as folhas, pré-processando-as para o consumo, e vendendo-as mais caro do que as não cortadas. Elas também podem vender sua colheita (processada ou não) no mercado ou na vizinhança, ou ainda em suas próprias casas, o que lhes permite continuar a realizar suas tarefas domésticas enquanto esperam por compradores. Elas têm mais lucro quando vendem seus produtos diretamente aos consumidores, mas mesmo assim a maior parte da produção é vendida a atravessadores por ser mais prático.

Em Lomé e Cotonou a comercialização das hortaliças é dominada por mulheres, que atuam como atacadistas e como varejistas. Um estudo realizado pelo ICRA em 2000 demonstrou que são os intermediários do comércio de hortaliças quem auferem o maior lucro em todo o processo.

## Acesso à terra e à água

Em Bamako e Lomé, as mulheres agricultoras cultivam lotes menores do que os produtores homens.

Elas trabalham em áreas que os homens dispensam, onde o solo é pobre, os terrenos são exíguos, e a água para irrigação é pouca ou poluída (em Kossodo, Ouagadougou, há mulheres produzindo alimentos usando águas contaminadas que procedem da zona industrial da cidade).

A insegurança quanto ao uso do terreno, a irrigação deficiente e um uso do solo urbano não previsto para fins agrícolas são condições tipicamente enfrentadas pelas mulheres produtoras. A dependência com relação ao curto período de chuvas torna mais viável o plantio de hortaliças folhosas de ciclo rápido, e como as espécies tradicionais exigem menos capital inicial, o risco é menor. Essas vantagens comparativas permitem que as mulheres cultivem áreas mais pobres porém mais próximas de suas casas. Tais condições, juntamente com sua educação deficiente, impedem que as mulheres agricultoras mudem seus hábitos e passem a cultivar as hortaliças originárias da Europa.

Em Bamako, as mulheres cultivam hortaliças onde haja água disponível e perto de suas casas, de modo a facilitar a irrigação e reduzir a distância da moradia até o local de trabalho. Entretanto, tal estratégia implica no risco de ficar sem ter onde plantar caso a área seja, de repente, destinada a algum projeto urbano de construção de casas, indústrias ou centros comerciais.

## Serviço de extensão e informação

Na África Ocidental, por razões tradicionais e históricas, as mulheres não cultivam as mesmas plantas que os homens. Elas usam outras redes de conhecimento. As mulheres não frequentaram as escolas, onde elas poderiam ter aprendido mais sobre as hortaliças trazidas pelos europeus (as escolas católicas são uma fonte especialmente importante de conhecimentos em horticultura no sul do Togo), mas, ao invés, elas aprenderam sobre as práticas tradicionais com suas mães e tias. A maioria das mulheres também não obtém informações por meio do trabalho migratório, como os homens, que viajam para trabalhar em outras regiões. Elas têm acesso principalmente às mulheres que detêm tal conhecimento, e a transferência de conhecimentos entre essas mulheres precisa ser feita nas línguas locais.

Apesar do grande número de mulheres que pertencem a associações de agricultores, elas costumam estar menos organizadas em grupos para defender os seus interesses. De acordo com alguns informantes, muitas vezes as mulheres são chamadas por seus maridos a se inscreverem nessas associações apenas para aumentar a porcentagem de mulheres participantes, o que permite angariar mais subsídios e outros benefícios dos doadores.

Os agentes extensionistas normalmente concentram seus serviços nos plantios de hortaliças de clima temperado. O estudo verificou que apenas as poucas mulheres que cultivam hortaliças de clima temperado têm contato com esses técnicos extensionistas. As outras mulheres produtoras não têm acesso a tal serviço, exceto em Conakry, enquanto que cerca de 10% dos homens contam com essa ajuda (o que ainda é muito pouco).

A comparação dos níveis de educação das esposas e das mulheres agricultoras urbanas mostra que as mulheres analfabetas ou aquelas com apenas o nível escolar fundamental praticam mais a agricultura urbana e periurbana. As mulheres com nível de educação mais avançado não cultivam, preferindo outros trabalhos menos pesados. Os homens, entretanto, seja qual for o seu nível de instrução e treinamento, envolvem-se igualmente com a agricultura urbana e periurbana. Eles não perdem o seu status social por trabalharem na agricultura, mesmo que tenham um título universitário - pelo menos desde que estejam ganhando dinheiro.

Os homens conseguem todos os tipos de outros empregos, enquanto que as mulheres se limitam a trabalhar como vendedoras ou em tarefas domésticas. As mulheres só raramente contratam mão-de-obra para ajudá-las nos cultivos, preferindo contar com a ajuda de parentes, principalmente das crianças.

## Conclusões e recomendações

As hortaliças tradicionais folhosas são baratas e têm alto poder nutricional, sendo por isso particularmente benéficas para os mais pobres. Ao cultivarem essas hortaliças, muitas mulheres ganham dinheiro (às vezes mais do que ganham os seus maridos) e aumentam a sua segurança alimentar.

O uso de pesticidas para essas hortaliças parece envolver algum risco (?). Elas costumam ser colhidas a cada 10 ou 20 dias, quando os resíduos de pesticidas ainda não se reduziram, já que os produtores os aplicam a até 3 dias antes de colher as folhas. Entretanto, como as hortaliças tradicionais são menos vulneráveis a pestes, quantidades menores de pesticidas precisam ser aplicadas nelas.

A colaboração com as produtoras de hortaliças tradicionais folhosas e a assistência técnica a ser levada até elas são iniciativas necessárias para lhes assegurar o acesso à água adequada para irrigação e a solos não poluídos (evitando-se, por exemplo, os depósitos de lixo desativados), e para garantir que elas possam produzir comida boa e barata para as famílias mais pobres.

É necessário realizar-se mais pesquisas sobre as mulheres que se dedicam a cultivar plantas tradicionais. A ênfase deve ser colocada no aumento da produção sem o uso de pesticidas, danosos para as águas subterrâneas, para o solo e para os consumidores.

Os serviços de apoio e extensão devem ser adaptados às redes de mulheres e ao nível de educação que prevalece entre elas.

A colaboração com os produtores homens pode resultar em uma representação mais justa das mulheres nas organizações de agricultores e na criação de oportunidades para elas terem melhor acesso à terra, à água e à assistência e extensão técnica, e para desenvolverem os seus próprios projetos produtivos.

---

## Referência

- Dosso. K., Guira, M. et al., 2000, Intensification durable de l'agriculture urbaine et périurbain à Lomé - Togo, Cas du maraîchage, Série Documents de Travail N° 91, ICRA, IFDC, Togo;